

## A PRÁTICA PEDAGÓGICA DIALÓGICA NA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: O CASO DA CAPOEIRA

Paulo Rogerio Barbosa do Nascimento<sup>1</sup>

**Resumo:** Esta pesquisa teve como objetivo identificar os ganhos sociais das práticas pedagógicas dialógicas na extensão universitária junto ao segmento cultural da capoeira, a partir do desenho de pesquisa participante. Grupos de capoeira do cariri cearense participaram. Utilizou-se observação sistemática, análise de filmagens e registro em diário de campo. Demonstrou-se o potencial das práticas pedagógicas dialógicas para promover ganhos sociais com a comunidade de capoeira no contexto estudado.

**Palavras-chave:** Extensão universitária; Dialógica; Capoeira.

### The Dialogical Pedagogical Practice in the University Extension: The Case of Capoeira

**Abstract:** This research aimed to identify social gains of dialogic pedagogical practices in university extension along the cultural segment of capoeira, based on the design of participant research. Capoeira groups from cariri cearense participated. Systematic observation, filming analysis and field diary recording were used. The potential of the dialogical pedagogical practices to foster social gains with the capoeira community in the studied context was demonstrated.

**Keywords:** University extension; Dialogical; Capoeira.

### Introdução

A Universidade Regional do Cariri (Urca), localizada no município de Crato, no Estado do Ceará – Brasil, ofertou, consecutivamente, de 2012 a 2017, por intermédio do curso de Licenciatura em Educação Física, um projeto de Extensão de Capoeira, período em que foi desenvolvida a pesquisa sistematizada neste artigo.

A região do Cariri Cearense contém uma diversidade de grupos de capoeira, os quais estabelecem diferentes formas de relacionamentos, permeados por dilemas que mudam com os tempos históricos, em que os próprios indivíduos e grupos se ocupam das possíveis soluções na sua prática cotidiana. Há, neste contexto, uma conjuntura estruturante que é móvel e que propicia as

---

<sup>1</sup> Professor assistente da Universidade Regional do Cariri/Crato CE. Doutor em Educação Física pela Universidade Federal da Paraíba. E-mail: paulorogério.nascimento@urca.br

compreensões da forma como esses sujeitos vivem esta cultura, a qual é melhor entendida ao se vivenciar as suas realidades.

A maioria dos praticantes da capoeira e que trabalha com ela convive com o subemprego. São na maioria de origem afrodescendente e ameríndia. A maneira mais comum de se inserir num trabalho de capoeira é por meio de projetos públicos, privados e ou diretamente com as escolas, os quais, normalmente, são datados e, portanto, descontínuos. Ademais, os valores pagos aos que ensinam a capoeira costumam ser baixos, fazendo com que o instrutor tenha que trabalhar em vários projetos diferentes.

A falta de uma política pública cultural para o segmento da capoeira leva à busca de afirmação dos grupos praticantes, pela ótica das técnicas/treinamentos e visibilidade das rodas de capoeira junto ao público e dos eventos com a presença de Mestres convidados. A capacidade de preservar os rituais legados pelos Mestres de capoeira mais antigos – (preservar ancestralidade) - geralmente identificados por linhagens provindas da Bahia, mais propriamente Salvador e Recôncavo Baiano – passa pelo rendimento/performance corporal.

A capoeira é uma prática constituída de uma rede global móvel de interações que a influenciam e, também, a seus agentes. Fatores conjunturais, estruturais e sociopolíticos de origem macro e local concorrem significativamente pela constituição de específicas problemáticas e configurações na realidade desses grupos. A expressividade dessa prática no Brasil, no Exterior e no Cariri Cearense, especialmente pelo número de praticantes envolvidos, sugere a necessidade de se pensar coletivamente sobre as problemáticas do campo.

O pesquisador, como Mestre de capoeira atuante no segmento cultural há cerca de 30 anos, é responsável pela coordenação do referido projeto de extensão no qual a pesquisa foi desenvolvida. O mesmo, tem aliado, ao longo da sua vida profissional, aprendizados do âmbito cultural da capoeira e estudos pedagógicos na área da Educação Física.

É desse processo, que surgiu o interesse pelos aspectos formativos entre as coletividades de capoeira. No contexto cultural peculiar da capoeira, os grupos significam suas ações de diferentes maneiras, porém, há questões culturais, política e éticas que lhe são comuns. A premissa que moveu a pesquisa é de que,

no encontro dos diferentes grupos, mediados pelas dinâmicas dos encontros, jogos, e rodas de diálogos sobre diversos assuntos relativos à capoeira (o que se denomina de papoeira), seria possível chegar a temas de interesse (geradores de discussões), avançando para proposições e ações sociopolíticas de interesse da coletividade.

Pergunta-se, então: quais os possíveis ganhos sociais do segmento cultural da capoeira e alunos extensionistas, considerando a ação da extensão universitária pautada em práticas pedagógicas dialógicas?

Para atender à questão, definiu-se os objetivos específicos dessa pesquisa:

- a) aproximação e entrevistas prévias com os grupos de capoeira
- b) desenvolvimento de encontros e diálogos entre grupos de capoeira;
- c) discutir temas sensíveis à comunidade da capoeira no seu cotidiano;
- d) identificar possíveis categorias de análise geradas nas interações dialógicas durante a pesquisa;
- e) acompanhar ações efetivas, frutos do projeto de extensão e de pesquisas posteriores, no cotidiano de vida dos grupos de capoeira.

### **Aspectos Culturais e Sociopolíticos da Trajetória da Capoeira no Brasil**

Escritos sobre a história da capoeira são fartos na literatura científica, onde são encontradas teses sobre a sua origem ser africana, indígena e ou afro-brasileira. Não é intenção deste estudo, contudo, discorrer sobre a história da capoeira, pois outros estudiosos fazem isso com muita propriedade (Pires, 1996; Vieira, 1996; Soares, 1999, 2001). A intenção deste estudo é pontuar os temas que interessam à configuração da capoeira, os quais perpassam a cientificidade e, também, a inserção de intencionalidade científica dos pesquisadores nas comunidades de capoeira, assim como dos autores deste artigo.

As relações culturais e sociopolíticas estabelecidas pela capoeira no cenário brasileiro ao longo da História constituiu o *locus* específico da Educação e da inserção social. É necessário, contudo, compreender as nuances do processo histórico dessas relações para se estabelecer bases interpretativas acerca desse

fenômeno cultural na contemporaneidade. Parte-se, portanto, da compreensão de uma organicidade complexa da capoeira movida pelos seus praticantes.

No entendimento de Leite (2013, p. 32), a cultura da capoeira constituiu “um *corpus* ativo na sociedade, influenciando-a e sendo influenciado por ela.” No contexto urbano do século XIX é possível constatar relações conflituosas de praticantes de capoeira em meio à sociedade, que podiam ser de favorecimento de instituições da vida pública ou de conflitos pessoais e de cunho político, a exemplo da relação das maltas de capoeira com instituições militares ou político-administrativas da cidade do Rio de Janeiro (Soares, 1999, p. 431).

Após este período, mesmo a capoeira estando na clandestinidade<sup>2</sup>, algumas propostas nacionalistas passaram a vê-la como símbolo cultural a ser afirmado, enquanto outras surgiram com a ideia de configurá-la como ginástica e ou esporte. Foi, contudo, com a criação da Luta Regional Baiana, encabeçada por Manuel dos Reis Machado (Mestre Bimba), e com a divulgação e organização da capoeira “Angola” por Vicente Ferreira Pastinha (Mestre Pastinha) que a capoeira passou a ser mais tolerada e ou aceita socialmente.

A inserção social da capoeira, no entanto, se deu a partir da reconfiguração da sua estrutura e do seu simbolismo como algo de representatividade nacional, e ocorreu a partir de 1945 com o governo populista de Getúlio Vargas (Vieira, 1996). A partir de então, inaugurou-se um intenso relacionamento com os órgãos de turismo, o que ampliou as possibilidades de trabalho e de visibilidade, fazendo com que, aos poucos, fossem formados trabalhadores em capoeira. A dinâmica de criação de uma possibilidade de trabalho e as condições socioeconômicas de cada momento histórico têm gerado estratégias diversificadas de inserção social por parte dos capoeiristas. Tais estratégias podem ser tidas como negociações, conformações e embates com o contexto social, político e cultural (Falcão, 2000, p. 101).

Uma dessas estratégias são os *shows* internacionais que levam a cultura baiana aos palcos do Exterior e, junto, levam a capoeira e os capoeiristas, sendo que alguns até ficam em terras estrangeiras, ensinando a capoeira e formando grupos de praticantes. Este fenômeno relatado por Capoeira (1992) provém da

---

<sup>2</sup> O Código Penal de 1890, promulgado pelo Decreto nº 847, de 11 de outubro de 1890, em seu art. 402, criminalizou a capoeira, tornando o capoeirista passível de punição.

década de 1970<sup>3</sup>. Atualmente, a presença de capoeiristas brasileiros no mundo é substancial e gera um comércio internacional por meio de cursos organizados por grupos brasileiros e estrangeiros, assim como a venda de produtos como roupas, livros, CDs e instrumentos de capoeira. A Bahia, mais precisamente a sua capital, Salvador, é reconhecida como a Meca da capoeira – universo cultural que todo o praticante da arte deseja visitar e com o qual quer interagir em algum momento de sua vida.

A lógica do mercado, inter-relacionada com as demandas no âmbito da Educação e do terceiro setor, molda e ou influencia a atuação das organizações e dos trabalhadores da capoeira numa dinâmica nem sempre muito organizada. Isso gera, segundo Jaqueira (2006, p. 6), discursos identitários que configuram gestos, modelos comportamentais e crenças específicas que visam justificar e legitimar grupos de capoeira em seus contextos sociais. Fazem parte desse cenário, rivalidades, marcas específicas, regulamentos de conduta, “verdades” históricas a serem acreditadas e repassadas<sup>4</sup>, assim como um trabalho incessante de alguns pelo reconhecimento dos velhos Mestres, os quais deixaram um legado cultural que ganhou dimensão internacional, e cujo valor econômico é considerável para muitos que dela sobrevivem.

Isso pode ser compreendido como uma rede composta de inúmeros enlaces que se pressionam mutuamente, deslocando a força (poder) ora para um lado e ora para o outro, dando o tom das características gestuais, rituais e relacionais da capoeira (uma construção histórica permanente) (Foucault, 2014).

A fim de evitar uma única compreensão macro, este estudo se vale, também, de Certeau (1998), que se interessa pela capacidade estratégica e tática de o indivíduo fazer frente a situações inusitadas e ou não vantajosas que surgem no cotidiano da vida humana e, em especial, no seu ofício ou trabalho, neste caso, a capoeira. É como se fossem ações esgueiradas pelos interstícios de um padrão supostamente organizado de distribuição de poderes e vantagens sociais. Pode-se pensar, por exemplo, nas estratégias e táticas de um brasileiro na Europa que, sem falar a língua local, consegue estabelecer um grupo de capoeira que cresce e se estabelece em outros países.

---

<sup>3</sup> Mestre Nestor Capoeira foi um dos primeiros capoeiristas a trabalhar com a capoeira na Europa.

<sup>4</sup> A “tradição” é o conceito que justifica muitos fazeres na capoeira, o que não isenta contradições.

É desse cenário que emergem conflitos, disputas por espaços de trabalho, conquistas de mais alunos e legitimidade (por ser reconhecido no universo da capoeira) que geram, muitas vezes, relações conflituosas mediadas por inúmeros códigos e normas comportamentais específicas deste cenário. Emerge, também, a busca por direitos, inserção social e política por parte dos capoeiristas, cuja relação nas últimas décadas avançou graças às políticas públicas governamentais e à maior participação dos capoeiristas nas instâncias de produção de conhecimento e de tomadas de decisões culturais e políticas.

### **Extensão Universitária e a Prática Pedagógica: o viés da Educação Popular**

A universidade é uma agência social de produção de saberes que, historicamente, condensa no seu fazer, dois polos na relação entre produção de conhecimento e sociedade. Santos (2011, p. 42) a compreende como um *continuum*, ou seja, de um lado está a produção de conhecimentos intramuros, dos especialistas para o social; de outro, a produção de conhecimentos numa relação extramuros, num esforço coletivo de constatação, interpretação e ação na realidade social.

A extensão universitária indissociável do ensino e pesquisa é o espaço de constatação, produção e divulgação de conhecimento, ou seja, “um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre universidade e outros setores da sociedade.” (FORPROEX, 2012, p. 15).

Diante das grandes e rápidas transformações sociais não desprovidas de contradições, a extensão universitária – pautada no princípio da interação dialógica (Freire, 1987, p. 96) – pode estimular, valorizar e permitir o papel de sujeito/ator social dos “movimentos, setores e organizações sociais.” Pode, inclusive, superar a ideia de sobreposição e ou hegemonia dos saberes acadêmicos (FORPROEX, 2012, p. 31). Importante considerar Silva (2016) que, na sua releitura da extensão universitária atual, afirma ser preciso ressignificar a compreensão desse espaço, uma vez que as questões hoje não giram somente sobre a intencionalidade de projetos e blocos políticos no sentido macro, mas existem demandas de grupos sociais específicos a favor de sua inserção social e

aquisição de direitos, bem como a aquisição de uma cidadania digna, como os movimentos e manifestações culturais negras.

A extensão universitária, assim compreendida, se reafirma como *lócus* de práxis social, cujo compromisso está no pensar, projetar, organizar e agir socialmente, em conjunto com os diversos segmentos sociais, tendo as contradições sociais adversas e limitantes como pontos de partida e elementos a serem superados (JEZINE, 2002, p. 115). A extensão universitária como espaço do agir social, um “*que fazer*” (FREIRE, 1987, p. 68) desenvolvido na realidade concreta, pode gerar transformações positivas na ótica social da cidadania participativa. É importante pensar que o espaço da extensão não é um espaço neutro, portanto, o fator político no sentido de Arendt (2006)<sup>5</sup> deve ser norteador das ideias e ações. Por isso, importante compreender a relação da extensão universitária com o fenômeno cultural “capoeira”, considerando sua complexa configuração.

O recente fato da extensão universitária voltada ao segmento cultural da capoeira pode estar vinculado a um viés mercadológico, um espaço possível de inserção de grupos específicos de capoeira para constituir seus quadros de filiados, uma extensão da escola de capoeira com interesses econômicos. Pode, também, estar no sentido de cursos de capacitação a partir de conhecimentos científicos elaborados na universidade, sendo os fazedores da capoeira receptores de um conhecimento “mais” elaborado, necessário para atuar no mercado de oferta da capoeira. Ou, ainda, pode estar sendo espaço de inter-relação de saberes, no qual os sujeitos dotados de diversas experiências do universo cultural da capoeira dialoguem com o pensamento acadêmico, façam enfrentamentos e projetem possibilidades de atuação junto às questões educacionais, sociais, políticas e pedagógicas que impactam esta coletividade. E, talvez, esta aproximação capoeira e extensão universitária possa ser um misto das quatro intencionalidades aqui colocadas e traduzidas no quadro a seguir.

---

<sup>5</sup> A possibilidade latente de que a natalidade permite inaugurar o novo no mundo, assim como o desdobramento dessa condição, é a capacidade de interação intencionada entre iguais para decidir as regras do jogo, o jogo em sociedade, as formas da cidadania (Arendt, 2006).

Quadro 1. Tendências ou possibilidades de relação entre capoeira e extensão universitária

<b>Compreensões da relação capoeira e universidade em projetos de extensão</b>	<b>Desdobramentos das compreensões</b>
1 Capoeira na universidade	Caracteriza-se por um grupo específico de capoeira que tem espaço de ensino, divulgação e reprodução de suas práticas na extensão universitária, porém, sem diálogo com a universidade.
2 Capoeira a partir da universidade	Cursos específicos esporádicos ofertados na extensão universitária para capacitar capoeiristas em conteúdos específicos. Um conhecimento da universidade para os capoeiristas. Unívoca direcionalidade.
3 Capoeira na/com a universidade	É a capoeira presente no projeto de extensão numa relação orgânica com a universidade no que diz respeito à interação com pesquisas, produção de conhecimentos e constante pensar da organicidade da capoeira, não desvalorizando o conhecimento popular e, sim, colocando conhecimentos populares e científicos num jogo de produção respeitosa de saberes.
4 Capoeira na/a partir/com a Universidade	Há inserção de um grupo ou mais de capoeira na extensão universitária com perspectiva de angariar membros e formar seus quadros de jogadores e futuros instrutores, ampliando sua área de atuação e ganhos econômicos. A universidade, a partir da sistematização de conhecimentos, oferta cursos de capacitação para o âmbito da capoeira no sentido de contribuir para a melhoria constante da condução orgânica e humanizada da capoeira. Mantém relação orgânica com a dinâmica de investigação e produção de conhecimentos da universidade, respeitando a especificidade de um projeto de extensão da instituição universidade.
5 Capoeira em multiplicidade de conformação na extensão universitária	As quatro concepções anteriores perpassam a extensão universitária, em diferentes graus, ora ressaltando um aspecto, ora outro, gerando relações complexas configuradoras da extensão universitária e da capoeira, o que justifica pensar essa complexa relação.

Fonte: sistematização do próprio autor (2021).

São, portanto, cinco delineamentos de diferentes entendimentos que analisam a atuação da extensão universitária junto ao segmento cultural da capoeira. É diante desse cenário que se pergunta: qual o potencial de realização e de ganho de uma prática extensionista com caráter dialógico junto a diversos grupos de capoeira da região do Cariri Cearense e acadêmicos extensionistas em



formação? O objetivo foi aproximar diversos grupos entre si para diálogos sobre a capoeira e a sua conjuntura sociocultural, desenvolvendo estratégias organizativas e colaborativas para a visibilidade e afirmação da capoeira como um bem cultural a ser pensado, valorizado e estudado, com aspectos ressignificados por ser uma cultura viva atravessada por dilemas do seu tempo. A opção de extensão e pesquisa coaduna com as características de aproximação entre capoeira e extensão universitária colocada como a de número quatro no quadro de sistematização apresentado anteriormente.

### **Metodologia da Pesquisa**

O estudo possui abordagem qualitativa com delineamento de pesquisa participante (GIL, 2010). Os integrantes foram cinco grupos de capoeira da região do Cariri Cearense e três alunos extensionistas vinculados ao projeto. Para a realização do estudo foram utilizados encontros de capoeira (com rodas de capoeira e diálogos aproximativos), observação sistemática de todas as ações, entrevistas, análise de filmagens e registro em diário de campo. Foram desenvolvidos 25 encontros entre aulas e rodas de capoeira, rodas de conversa e eventos temáticos.

A pesquisa foi desenvolvida em três fases: a) fase diagnóstica; b) fase das práticas dialógicas; e c) fase das práticas avaliativas, as quais sempre estiveram atravessadas pela prática da roda de capoeira e ou eventos de capoeira (Estes momentos não foram segmentados e sim interpenetrados). Durante essas fases, as informações foram sistematizadas e interpretadas mediante a utilização da análise de discurso com base em Orlandi (2001) – observações, anotações, entrevistas e uso do diário de campo. Os processos de pesquisas utilizados forneceram, após análise e leitura atenta, categorias que se mostraram mais salientes enquanto necessidade e ou problemáticas da comunidade da capoeira.

### **Resultados e discussões**

O objetivo de aproximar os grupos de capoeira e construir possibilidades de diálogo entre si teve a universidade como questão-chave pelo fato de o projeto de extensão ter se colocado como um terreno neutro, não interessado em competir no “mercado” da capoeira. Os encontros de rodas de capoeira sempre

tiveram um momento de diálogo para sensibilizar a participação dos grupos no projeto de extensão e, conseqüentemente, no projeto de pesquisa. Esses momentos iniciais foram fundamentais para gerar aproximações e criar possíveis espaços de diálogo.

Diante da realidade construída, foram surgindo, aos poucos, categorias como a discussão de gênero na capoeira, a violência e a rivalidade, os requisitos para ser Mestre de capoeira validado pela comunidade, a necessidade da coletividade e de compreender a forma como realizar a inserção no meio da política cultural dos municípios.

Houve aproximação das mulheres e a iniciativa de eventos com a participação feminina para que essas pudessem trocar experiências em oficinas, nos jogos de capoeira e nas problemáticas que lhes dizem respeito na convivência com os homens nas aulas, apresentações e rodas de capoeira em geral. Desse movimento foram sendo afirmadas as falas quanto ao respeito mútuo entre homem e mulher nas rodas de capoeira e a capacidade de as mulheres liderarem tais atividades.

Oliveira e Leal (2009, p. 121-122) referem indícios de mulheres capoeiristas no final do século XIX e início do século XX. Pelos registros policiais, os autores identificaram mulheres que viviam no mundo das ruas e se envolviam em conflitos corporais nos quais, muitas vezes, se saíam bem. Há registros de mulheres autuadas por capoeiragem, a exemplo de Belém do Pará, e de jornais do Rio de Janeiro, que relatam casos como o do “[...] Jornal do Comércio [...] edição de 29 de janeiro de 1978 [...]”. O universo dos capoeiristas era o mundo da rua, das festas e de seus territórios. Os conflitos, autuações e prisões por capoeiragem foram muito bem explorados nos registros policiais de Pires (1996) e de Soares (1999).

Historicamente, a capoeira foi e é um universo marcado por códigos masculinos, porém, na atualidade, as mulheres são em grande número, inclusive havendo Mestras de capoeira formadas e diversas outras mulheres em diferentes níveis de graduação que ministram aulas e ou pesquisam sobre a capoeira. O estudo de Ferreira (2016) tem resultados semelhantes ao presente estudo, e aponta a necessidade de as mulheres se afirmarem no espaço da capoeira e, então, criarem mecanismos para tal, como as rodas femininas e as rodas de conversa

sobre as realidades enfrentadas na prática da capoeira. As mulheres têm ressignificado o espaço preponderantemente masculino da capoeira com a sua capacidade de gerenciamento de grupos, articulação política, conhecimento científico e oralidade da tradição, assim como pela evolução técnica e tática no jogo da capoeira propriamente dito.

Os grupos de capoeira formados a partir do surgimento da Luta Regional Baiana, de Mestre Bimba, se proliferaram e adentraram o mercado das lutas e ou artes marciais, assim como do folclore, o que gerou rivalidades por disputas de espaço que, muitas vezes, resultaram em violência. Segundo os dados levantados neste estudo, os participantes pontuaram a década de 1990 como um período de muita violência da capoeira na região estudada. Na fala dos participantes da pesquisa percebeu-se que um dos principais motivos foi a necessidade de autoafirmação dos Mestres de capoeira e de seus grupos, usando, inclusive, esta estratégia para tentar angariar alunos e ou alunas.

Os próprios participantes da pesquisa revelaram que isso tem mudado, pois a interação entre os grupos tem se mostrado muito mais produtiva à continuidade do processo de inserção social da capoeira do que as estratégias do passado, como a violência e a demarcação dos territórios dos grupos de capoeira. Capoeira (1992) explora muito bem o tema pois vivenciou essa época, e reafirma esta constatação ao referir a estratégia de violência da capoeira da década de 1990 como uma maneira de se estabelecer como grupo de destaque e ou hegemônico. A mudança de mentalidade fez com que grupos de capoeira somassem esforços em ações de divulgação e aprendizado.

Outro resultado obtido nesta pesquisa participante foi a constatação de que nas rodas de capoeira aumentou a preocupação com jogos que podem se encaminhar à violência gratuita. Os Mestres incorporaram um discurso de união e fortalecimento a partir da participação de todos nos eventos de capoeira, e a adoção de uma postura de refrear em seus alunos determinados comportamentos que saíssem do que se entende como camaradagem<sup>6</sup> na capoeira. Capoeira (1992) também tem ressaltado essa mudança de postura entre os Mestres, a qual arrefeceu, de certa forma, a violência do passado. Esta é uma percepção

---

<sup>6</sup> Camaradagem é um tipo de comportamento sociável que procura enfatizar a amizade, tendo como vetor, o fato em comum de pertencerem a uma mesma comunidade de técnicas, ritos e simbologias.

atualizada que indica que as pessoas procuram outras dimensões e valores possíveis de serem encontrados na capoeira que não seja a violência gratuita. O projeto de extensão com práticas dialógicas favoreceu este intento e fortaleceu laços de amizade entre Mestres de Capoeira e seus grupos.

Há preocupação dos participantes desta pesquisa quanto à formação de alunos, conforme as graduações adotadas por cada grupo. Da mesma forma, há intenso questionamento sobre as reais condições em que cada aluno vai se formando e galgando graduações, bem como o número de Mestres formados em pouco tempo. Nesse universo cultural valoriza-se muito a ancestralidade, ou seja, a sabedoria de quem veio antes e foi fundamental para a manutenção e propagação da cultura.

Os critérios de formação de capoeiristas são exclusivos de cada grupo, mas em comum deve estar o critério técnico, conhecimento ritualístico, musical e histórico. Uma das maiores cobranças dos capoeiristas da região pesquisada é a vivência dos candidatos a graduações na capoeira. Em outras palavras, cobra-se o quanto o capoeirista convive com as rodas e eventos de capoeira regulares que são realizados, criando, assim, laços de afetividade e comprovando a sua versatilidade para lidar com os códigos da capoeira, tanto no jogo como fora dele.

Falcão (2000) transpôs em sua tese o ditado de que o capoeirista brasileiro embarca como aluno no avião, no Brasil, e chega na Europa como Mestre. Seria uma auto graduação, ou graduação aligeirada concedida por um determinado Mestre para assegurar mercado na Europa, que ainda se mantém promissor para capoeiristas brasileiros. Por isso, há vigilância por parte dos próprios capoeiristas em não deixar proliferar essas práticas, embora nem sempre isso seja possível. Em alguns casos, capoeiristas formados, sem a validação da comunidade, permanecem longos períodos isolados, sem muito apoio do universo da capoeira, justamente por não terem as graduações que ostentam reconhecidas. Trata-se, portanto, de um processo de não validação por parte da comunidade da capoeira.

Com esta pesquisa participante foi possível comprovar a preocupação com a inserção sociopolítica dos grupos de capoeira, sendo realizadas ações neste sentido, como a formação de comissões e associações para desenvolver e consolidar direitos sociais, políticos e culturais. Não há dados relativos ao avanço dessas iniciativas, apenas a hipótese de que não geraram impacto considerável

ainda por questões que não mais se acompanhou e que podem vir a ser investigadas posteriormente.

Uma hipótese é que a maior inserção política da capoeira tem a ver com o aumento das oportunidades de estudo dos brasileiros. Da mesma forma também se pode apontar estudos acadêmicos, como os de Vieira (1996), Capoeira (1992), Falcão (2000), Soares (1999, 2001), Pires, (1996), Reis (2020), Beltrão (2007), entre muitos outros, que são importantes para esta fase de participação democrática dos capoeiristas na sociedade brasileira. Estudos como esses ressoam na comunidade da capoeira e contribuem para maior consciência sociopolítica, a fim de que o segmento “capoeira” seja atendido pelo Estado com atenção e ações positivas.

Importante ressaltar que dos encontros e diálogos problematizados no projeto de extensão de capoeira, da Urca, houve esforço no sentido de melhorar a relação de amizade entre os grupos (fato que já vinha ocorrendo quando a perspectiva violenta da década de 1990 começou a arrefecer), o que potencializou trocas e integrações para além do projeto de extensão da universidade. Constatou-se maior aproximação de seus líderes e alunos, com crescente abertura ao diálogo, possibilitando maior viabilidade de abordagem de assuntos sensíveis à coletividade da capoeira. Esse processo não é pouca coisa, uma vez que o trânsito, a entrada e o desenvolvimento de pesquisas acadêmicas nas comunidades de capoeira dependem da aceitação das comunidades.

Por fim, entende-se que quanto mais orgânica for a relação dos pesquisadores com as comunidades de capoeira, maior a chance de desenvolver boas pesquisas, transitando na comunidade e conhecendo os seus próprios códigos de interação. Assim, a função social da universidade pode ser de auxiliar as comunidades a reconhecerem as suas realidades e atuarem para melhor estruturá-las no sentido de uma vida mais digna e voltada à coletividade, assegurando direitos e deveres de cidadania politicamente engajada.

Neste ínterim, a universidade pode acumular um acervo de conhecimentos, que historicamente tem ficado a parte, enquanto interesse de pesquisa. Cenário este quem vem mudando com o acesso as universidades, de quem também estava impedido pelo sistema social excludente, de frequentar os cursos e inserirem-se também na pesquisa.

## **Considerações finais**

Os resultados desta pesquisa apontam que as práticas dialógicas na extensão universitária são estratégias de considerável potencial para fomentar ganhos sociais junto à coletividade da capoeira que, em determinados momentos, se mostra desarticulada em relação a dilemas comuns do seu contexto sociocultural.

A articulação da prática pedagógica dialógica e a participação dos grupos de capoeira foram facilitadas pelo fato de o professor coordenador do projeto de extensão ser Mestre em capoeira. O trânsito desse professor na comunidade da capoeira gerou a aproximação entre os praticantes de capoeira e a universidade. Dessa maneira, alguns praticantes de capoeira começaram a compreender melhor a função de uma universidade pública, assim como o espaço e as possibilidades de formação que podem contemplá-los.

Considera-se que a separação intramuros e extramuros da universidade foi reduzida (SANTOS, 2011) em relação à comunidade da capoeira no contexto estudado. Criou-se, assim, um espaço de trânsito e de diálogo – elementos necessários para que a universidade compreenda melhor a comunidade em seu entorno, seus dilemas e necessidades, e que a comunidade veja na universidade potencialidades formativas auxiliares na constituição da cidadania.

Os alunos extensionistas imergiram em processos culturais que não eram por eles compreendidos. Apesar de jogarem a capoeira, não faziam ideia das questões sociopolíticas e culturais que perpassam este movimento. Suas participações como no projeto de extensão como monitores, mediadores e pesquisadores, lhes colocaram em diálogo com a comunidade, realizando sínteses de conhecimento e ou saberes conjuntamente com o aprendizado acadêmico. Houve um aumento, dos trabalhos científicos, que na universidade se propuseram a pensar a capoeira.

É necessário perspectivar e atuar no sentido de melhorar as relações entre comunidade e universidade, gerando e reconhecendo conhecimentos, bem como permitindo a visibilidade de quem faz o cotidiano da cultura real, das ruas, dos bairros e dos sítios. A universidade, muitas vezes, tenta compreender esses espaços e suas culturas sem se aproximar da vida diária dos que se ocupam dos

reais afazeres, enquanto os pesquisadores já vão à comunidade com uma grade de categorias para encaixar a realidade em uma teorização específica.

É importante, também, que num projeto comunitário coletivo sejam utilizadas linguagens compreensíveis para quem vive o cotidiano de trabalhar a terra, vender na feira, cumprir suas obrigações religiosas, viver em famílias concentradas com vários membros e, ainda, ter a capoeira como espaço de sociabilidade, de evidência e de amplo reconhecimento social. É a possibilidade de uma rica síntese dos conhecimentos científicos gestados na universidade e o conhecimento do cotidiano da cultura popular, na expectativa da ampliação da capacidade de resolução e oportunidade de criar melhor qualidade de vida cidadã, com todos os direitos e deveres que o termo encerra.

Se faz necessário que novos projetos de extensão e pesquisa, com formatos diversos, porém, conservando o pilar da dialogicidade, sejam levados a efeito e possam contribuir para o desenvolvimento do acadêmico e das comunidades que vivem, fazem e mantém a cultura viva e numa constante ressignificação.

Cabe a universidade e o campo da Educação Física, para citar, onde foi alocado este estudo, arregimentar os campos teóricos das ciências humanas, para lançar um olhar interdisciplinar sobre os fenômenos da cultura. Acredita-se que o ganho sociocultural pode sim ser potencializado nesta instância institucional da vida em sociedade.

## Referências

ARENDT, A. **O que é política?** Trad. Reinaldo Guarany. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

BELTRÃO, M. **A capoeiragem no Recife Antigo:** os valentes de outrora. Curitiba: Publisher-Nossa Livraria, 2007.

CAPOEIRA, N. **Capoeira: os fundamentos da malícia.** 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 1992, 240 p.

CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano: artes de fazer.* 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998, 351 p.

FALCÃO, J. L. C. Os movimentos de organização dos capoeiras no Brasil. **Revista Motrivivência.** Florianópolis, ano XI, nº 14, nov. 2000, pp. 93-113.

FERREIRA, T. F. **A capoeira sob a ótica de gênero: o espaço de luta das mulheres nos grupos de capoeira.** Dissertação (Mestrado em Serviço Social)

– Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da PUC Goiás. Goiânia, 2016, 133 p.

FORPROEX. Fórum de Pró-Reitores das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras. **Política Nacional de Extensão Universitária**, 2012. Disponível em: <http://proex.ufsc.br/files/2016/04/Política-Nacional-de-Extensão-Universitária-e-book.pdf>. Acesso em: 05 jun. 2020.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014, 432 p.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GIL, C. A. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010, 200 p.

JAQUEIRA, A. R. F. Capoeira: configurações e dinâmicas contemporâneas. **j236065@dac.unicamp.br**, ano III, nº 7, jan./mar. 2006.

JEZINE, E. **Universidade e saber popular: o sonho possível**. João Pessoa: Autor Associado CCHLA/UFPB, 2002.

LEITE, N. C. **Capoeira, política cultural e educação**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação. Salvador, 2013, 350 p.

OLIVEIRA, J. P.; LEAL, L. A. P. **Capoeira, identidade e gênero**. Salvador: EDUFBA, 2009, 200 p.

ORLANDI, Eni Pulcinelli (2001). **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. 3ed. Campinas: Pontes.

PIRES, A. L. C. S. **Capoeira no jogo das cores: criminalidade, cultura e racismo na cidade do Rio de Janeiro (1890-1937)**. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, 1996, 258 p.

REIS, L. V. S. **O mundo de pernas para o ar: a capoeira no Brasil**. 3. ed. Curitiba: Ed. CRV, 2020, 164 p.

SANTOS, B. **A universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

SILVA, J. L. S. **Educação popular: refundamentação e vigência no discurso latino-americano**. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2016, 101 p.

SOARES, C. E. L. **A capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro (1808-1850)**. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade



Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, SP, 2001, p.539

SOARES, C.E.L. **A negregada instituição: os capoeiras no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Acces, 1999.

VIEIRA, L.R. **O jogo da capoeira: corpo e cultura popular no Brasil**. Rio de Janeiro, Sprint, 1995.